

Narrativas do pertencimento: cotidiano e vida social no bairro São José, Parnaíba-PI

Teoria e Cultura | Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais - UFJF | ISSN:
2318-101x | v. 20, n. 2, 2025 | p. 171- 184
DOI: 10.34019/2318-101X.2025.v20.43496

*Narratives of belonging: everyday life and social life in the
São José neighborhood, Parnaíba, Piauí*

*Tucuns y la producción de significados en el mundo social:
un estudio sobre envejecimiento y pertenencia en el barrio
São José de la ciudad de Parnaíba - PI*

Vivianne de Oliveira Costa¹

Resumo

As Ciências Sociais se expandiram desde seus pesquisadores e teóricos clássicos até os contemporâneos e as pesquisas acerca do entendimento da vida nas cidades proporciona a compreensão das diversas formas de viver e conviver nas sociedades urbanas, onde o indivíduo passa a ser objeto de investigação. É pensando nesse sujeito, que a cidade de Parnaíba -PI se torna um cenário prolífero para as investigações acerca dos processos sociais, políticos, morais, culturais, históricos, econômicos e subjetivos onde podemos compreender a representação da vida cotidiana. E, nesse sentido o ambiente do bairro é observado como local das manifestações e representações das relações sociais, a partir dos atores que compartilham sentimentos, emoções, laços de solidariedades, bem como ações e conflitos entre grupos e indivíduos interdependentes (Simmel, 2006). Este trabalho compõe um dos capítulos da minha dissertação de mestrado defendido na Universidade Federal do Piauí - UFPI e tem como objetivo maior compreender o bairro São José, sob a ótica do seu cotidiano e análise dos moradores que fazem desse ambiente um espaço de relações sociais que se estruturam através das narrativas da vida cotidiana dos mesmos.

Palavras-chave: Cotidiano; Cidade; São José; Pertencimento

¹ Doutoranda pelo programa de pós - graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará, Professora de Sociologia no Estado do Ceará.

Abstract

The Social Sciences expanded from its classical to contemporary researchers and theorists. Research on the understanding of life in cities provides an understanding of the different ways of living and coexisting in urban societies, where the individual becomes an object of investigation. It is with this in mind that the city of Parnaíba-PI becomes a prolific setting for investigations into social, political, moral, cultural, historical, economic and subjective processes where we can understand the representation of everyday life. And, in this sense, the neighborhood environment is observed as a place of manifestations and representations of social relations, from the actors who share feelings, emotions, bonds of solidarity, as well as actions and conflicts between interdependent groups and individuals (Simmel, 2006). This work composes one of the chapters of my master's thesis defended at the Federal University of Piauí - UFPI and its main objective is to understand the São José neighborhood, from the perspective of its daily life and analysis of the residents who make this environment a space of social relations that are structured through the narratives of their lives.

Keywords: *Everyday life; City; São José; Belonging; Aging*

Resumen

Las Ciencias Sociales se han expandido desde sus investigadores y teóricos clásicos a los contemporáneos y la investigación sobre la comprensión de la vida en las ciudades proporciona una comprensión de las diferentes formas de vivir y convivir en las sociedades urbanas, donde el individuo se convierte en objeto de investigación. Es con este tema en mente que la ciudad de Parnaíba -PI se convierte en un escenario prolífico para investigaciones sobre procesos sociales, políticos, morales, culturales, históricos, económicos y subjetivos donde podemos comprender la representación de la vida cotidiana. Y, en este sentido, el entorno barrial se observa como un lugar de manifestaciones y representaciones de relaciones sociales, basadas en actores que comparten sentimientos, emociones, vínculos de solidaridad, así como acciones y conflictos entre grupos e individuos interdependientes (Simmel, 2006).). Este trabajo constituye uno de los capítulos de mi tesis de maestría defendida en la Universidad Federal de Piauí - UFPI y tiene como principal objetivo comprender el barrio de São José, desde la perspectiva de su vida cotidiana y el análisis de los residentes que hacen de este entorno un espacio para las relaciones sociales que se estructuran a través de las narrativas de su vida cotidiana.

Palabras clave: *Vida cotidiana; Ciudad; São José; Pertenencia*

Introdução

As formas de vida social no meio urbano contemporâneo tornaram-se objeto de estudo para diversas disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, que passaram a eleger a cidade como um locus privilegiado para a análise científica. No cerne dessas formas de organização social, indaga-se sobre como se processam e constituem as interações entre indivíduos, as representações sociais, os valores morais, os conflitos, as hierarquias e tudo aquilo que se movimenta em um campo simbólico e social onde os indivíduos, em reciprocidade, fundam a sociedade.

Este artigo tem como objetivo compreender o sentimento de pertencimento dos moradores do bairro São José, localizado na cidade de Parnaíba, Piauí, mediante as lentes da sociologia das emoções e da antropologia e sociologia urbanas clássicas. Conhecido por sua tradição, o bairro São José exibe características que denotam uma sociabilidade afetiva e um ambiente relacional peculiar.

Busca-se, assim, observar como o bairro se revela enquanto campo de práticas sociais, resultado da interação de diversas atividades e de diferentes grupos sociais (Mafesoli, 2006) que utilizam seu espaço como cenário para interações cotidianas, bem como compreender de que maneira o cotidiano local interage com as múltiplas formas de existir em sociedade. Um dos principais objetivos deste trabalho se dá em busca de compreender sob a ótica dos moradores dos bairros São José as narrativas sociais sobre o cotidiano deste bairro na elaboração dos vínculos afetivos entre seus moradores.

Para isso, observamos que a complexidade em trabalhar a cidade e suas minuciosidades no cotidiano dos espaços urbanos, demanda de um aparato teórico e de um conjunto de métodos, técnicas e epistemologias que nos permita compreender os diversos elementos circunscritos no fenômeno urbano contemporâneo.

Dessa forma, métodos como a observação participante e a etnografia, por exemplo, se tornaram recursos metodológicos indispensáveis para a efetividade das pesquisas empíricas em Ciências Sociais, como podemos perceber em trabalhos desenvolvidos pela escola norte americana de Chicago e por diversos sociólogos e antropólogos brasileiros e da América latina que buscam compreender a dinâmica social do meio urbano e suas representações.

Não obstante, diante das novas dinâmicas sociais, culturais e subjetivas que as cidades brasileiras vêm passando desde o fenômeno urbano, percebemos um cenário dinâmico que tende a se reconstruir no desenvolvimento histórico da sociedade. Verifica-se por exemplo, que há um contínuo processo de urbanização e que tem desencadeado novas lentes de perceber o urbano, e uma delas é o mapeamento cartográfico.

Quando percebemos que não existe um mundo independente das tramas que o tecem, conseguimos ver suas linhas e seus decalques, suas malhas (Deleuze e Guattari, 1995). O processo cartográfico, nesse sentido, ajudaria a acompanhar os múltiplos processos que, de acordo com Meneguello (2009) ativam os movimentos singulares da produção da realidade. É dessa forma, que me proponho a compreender a lógica dos espaços, em uma composição de mundos que desemborcareiam nas “linhas de produção da realidade”.

É nessas linhas que o bairro São José, outrora denominado Tucuns, compreende o que ficou conhecido como a “parte histórica” de Parnaíba. Situado às margens do rio Igarauçu, em direção ao centro da cidade, é também reconhecido por sua vocação boêmia e por integrar o patrimônio arquitetônico histórico local. Popularmente conhecido como “Cheira Mijo”, o bairro delimita-se atualmente da seguinte forma: ao norte, com a Santa Casa de Misericórdia; ao sul e a oeste, com o Rio Igarauçu; e a leste, com a Avenida Álvaro Mendes. Surgido progressivamente às margens do Igarauçu, juntamente com os bairros Quarenta

(Mendonça Clark) e Coroa (Bairro do Carmo), o São José integra o perímetro central da cidade, portando características arquitetônicas, históricas e geográficas singulares que marcam o processo de expansão urbana da época, entre o núcleo central e as áreas ribeirinhas. Seu território é conformado por três ruas extensas — Vera Cruz, Barão e Sete de Janeiro (esta última também chamada de Rua do Tamancão) —, distintas dos bairros Quarenta e Coroa.

Em seu envoltório, encontram-se praças, escolas municipais, igrejas, bares, mercearias — que muitas vezes também funcionam como residência — e espetinhos, que conferem um aspecto comercial ao ambiente. Nesse espaço, os moradores constroem seus dispositivos de moradia e forjam, no dia a dia, o sentido de pertencer a um lugar. O bairro possui uma única Unidade Básica de Saúde (UBS) e, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), abriga uma população de aproximadamente 5.576 habitantes, o que corresponde a 3,7% da população total de Parnaíba, estimada em 153.863 habitantes

O indivíduo na teia das interdependências sociais

A vida social, como nos lembra Norbert Elias (1994), constitui-se não por indivíduos isolados, mas redes de interdependência que são constantemente arquitetadas e remodeladas pelas ações recíprocas dos sujeitos. Nesse processo contínuo, os indivíduos não são meros objetos de uma racionalidade abstrata, mas **sujeitos impregnados de emoções, sentimentos e intencionalidades** específicas, ou figurações dinâmicas.

Essa perspectiva ecoa a visão de Alfred Schutz (2012), para quem o mundo social é construído por atores que vivem em função uns dos outros, atribuindo significados subjetivos à sua experiência e, assim, formando uma densa rede de inter-relações.

Nessa teia, o indivíduo é uma construção cultural, um ser simbolicamente moldado, conforme demonstrou Mauss (1974) em seus estudos sobre a noção de "pessoa". No entanto, esta construção não é estática. O indivíduo está sujeito a contínuas ressignificações de acordo com tempos e espaços socialmente determinados. A ideia de "indivíduo" varia entre sociedades, mas em todas elas ele é, antes de tudo, um **"fato de consciência"** da própria existência — um ser social, mas também único, inconfundível e dotado de subjetividade.

É na complexidade do espaço citadino que essa vida social se projeta com intensidade. Entre ruas, bares e praças, as histórias de vida, os conflitos, os amores e as frustrações dos atores sociais se entrelaçam. Neste palco, tempo e espaço não são meros cenários neutros. Para Elias (1998), em sociedades modernas, eles estão enraizados na consciência individual através de símbolos de precisão — como relógios e calendários — que ajudam a orientar ações e a regular a vida coletiva. Contudo, para além desta função reguladora, os indivíduos também **produzem e se reproduzem em tempos e espaços distintos**, criando suas próprias temporalidades e territorialidades no cotidiano.

É neste nível microssocial que observamos a sociedade de um bairro. Popularmente, um bairro é uma divisão física da cidade, uma forma de reprodução do espaço urbano. Porém, sua essência vai além da geografia. Como afirma Prost (1994), o bairro é também regido por **regras coletivas tácitas**, funcionando como um "lar" ampliado devido à proximidade espacial e a uma espécie de **"contrato social"** estabelecido entre aqueles que compartilham aquele território.

Este contrato é assinado metaforicamente quando se passa a viver em sociedade. Aprendemos as regras do jogo social que transformam o espaço de convívio em uma teia de trocas simbólicas. Para Simmel, as **formas de socição** — ou seja, os modos pelos quais os indivíduos se relacionam — constituem o elemento primordial da sociedade. É através destas

interações que significados são reciprocamente compartilhados e o mundo social é constituído como uma complexa rede de influências mútuas.

A figuração social do bairro São José: uma síntese empírica

É mediante essa lente teórica combinada que a vida no bairro São José pode ser compreendida em sua plenitude. O bairro se apresenta como uma **figuração específica** (Elias, 1998), onde as práticas cotidianas dos moradores – suas trocas, conflitos e solidariedades – dão conteúdo visível ao **"contrato"** que os une. Através das **formas de sociação** que ali se manifestam – seja no cumprimento na rua, na conversa no bar ou na participação em eventos comunitários –, os moradores atribuem significados ao espaço e forjam seus laços de pertencimento.

Alguns espaços do bairro configuram ambientes de pertencimento e de sociabilidades que se entrelaçam. Um desses ambientes é o espaço GUETTO. Criado em 2019 pelo artista e cinegrafista Chan Andrade o espaço tem como um dos principais objetivos o engajamento social e político dos moradores do bairro com o ambiente da cidade. O espaço encontra-se situado na Rua Vera Cruz, uma das principais ruas do bairro que cruza o centro e a margem do rio, próximo ao Casarão Cultural *Mirreggae*, que também se constitui enquanto um espaço de cultura, arte e patrimônio da cidade demonstra as formas sociais que os moradores vão criando seus laços de pertencimentos atrelados a produção da arte e da cultura locais.

O espaço GUETTO se mantém a partir da força de vontade dos jovens de fazer um ambiente onde os moradores se sintam acolhidos. Oferecendo palestras, exposições de arte, cinema para as crianças, bem como festas locais, e projetos paralelos como o “Samba na casa do Vizinho” que enquanto projeto que celebra a resistência do samba, é um espaço de troca de experiências entre os moradores do bairro e da cidade de Parnaíba, pois o projeto durante sua execução foi apresentado em outros ambientes da cidade como praças e bares (Figura 2), o ambiente mantém a tradição cultural do bairro boêmio e festivo, tentando se sobressair ao estigma da violência e do apagamento ocasionado pelas construções de novos bairros dentro da cidade.



Figura 1 Erica Jamp e Dona Graça no bar Nego Assis no bairro São José (arquivo do Instagram do Espaço Guetto)

Meu contato com o grupo se deu através da minha pesquisa. O idealizador do projeto “Chan” entrou em contato para estabelecer vínculo para a construção de um documentário

sobre o bairro São José². Ainda não havia tido contato com o espaço, sabia da sua inauguração, mas pouco tempo depois o espaço se manteve fechado voltando as atividades em 2023. Nesse período, muitos projetos foram realizados, em prol do bairro São José, e do bairro vizinho Mendonça Clark.

Podemos perceber que este é um processo dinâmico de construção cultural da pessoa onde os indivíduos, longe de serem passivos (Schutz, 2012) negociam constantemente sua existência em um tempo e espaço que, embora regulados socialmente, são também vividos e ressignificados no dia a dia. Desta forma, tanto o Espaço cultural como o bairro é entendido enquanto territórios de práticas sociais privilegiados para observar como essas variadas formas de usos da cidade se configuram, permitindo-nos compreender como os espaços microssociais ganham vida e significado no decorrer do tempo e da história.

Os bairros à margem do centro, local de moradia dos trabalhadores do comércio e do cais, vão estar sujeitos aos problemas inerentes ao próprio lugar e entre eles podemos citar os alagamentos e a proliferação de doenças oportunistas devido justamente à falta de saneamento. A falta de água encanada era situação presente o que fazia com que as atividades diárias como a lida com a roupa e o abastecimento de água das casas fossem feitas diretamente no rio. (Ferreira, 2019, p. 49)

Os alagamentos configuram-se como uma das formas pelas quais o ambiente do bairro se estrutura em um território que, até os dias atuais, permanece sujeito a um estigma. Este fenômeno urbano afeta a localidade de modo direto e indireto (Figura 1). No entanto, durante as observações e entrevistas, foi possível perceber que a adversidade também catalisa uma postura mais acolhedora e solícita por parte dos moradores, ampliando os laços de solidariedade entre eles.

Enquanto moradora, constantemente ouvia comentários ou brincadeiras referentes às cheias. Dizia-se, por exemplo, que no bairro São José "os carros são como lanchas, as motos como jet skis e os pedestres como banhistas". Em épocas de fortes chuvas, era comum a piada de que era preciso "pegar o bote" para sair de casa, dada a extensão do alagamento. Cenas como botes estacionados frente às residências mais atingidas ou crianças brincando nas poças d'água formadas pelas fortes chuvas tornavam-se parte da paisagem. Esta condição de risco, que inclusive foi objeto de alerta em uma matéria especial do jornal *Inovação* (1985) sobre os perigos de desabrigamento, paradoxalmente fortalece o que se Durkheim, chamaria de solidariedade orgânica onde o contexto social cria aquilo que emerge precisamente da interdependência forjada pela necessidade de enfrentar desafios coletivos.

² O link do documentário pode ser acessado em: https://youtu.be/Bss6P5g5D1I?si=tpiiAuMoSp_z3Ha6



Figura 2 Rua Vera Cruz, alagamento no ano de 2014 (arquivo pessoal)

Segundo alguns moradores, da rua Coronel Gervásio, apesar da proximidade com o centro da cidade, a busca por residência no local diminuiu consideravelmente em decorrência das inundações. Percebe-se, portanto, que os elementos históricos, culturais e subjetivos dos indivíduos que compartilham o ambiente do bairro auxiliam na construção do processo identitário tanto do bairro quanto da cidade, servindo como parâmetro para compreender as mudanças ocorridas durante a urbanização de Parnaíba. Tais elementos revelam o que se incorporou à memória dos moradores, nos quais cada um carrega uma forma distinta de sentido de habitar, existir e pertencer ao espaço.

O bairro, como local de moradia e pertencimento, possibilita a percepção dos processos que configuram e reconfiguram o imaginário popular, permitindo assim a compreensão dos diversos códigos históricos e cotidianos vivenciados, enquanto espaços de afeto e identidade. Chamamos aqui de pertencimento o apego que os indivíduos têm ao local em que estão inseridos (Koury, 2016), no qual as pessoas se conectam umas às outras ao compartilhar experiências, o dia a dia e as lembranças evocadas em conversas nas calçadas. O lugar, enquanto pertença, é o espaço onde se fundam as relações sociais por meio das quais os indivíduos se reconhecem a si mesmos e aos outros, a partir de diversos sistemas simbólicos.

É no mundo das relações sociais que o mundo social se constrói. São as formas específicas, o viver cotidiano, a vida de “todo santo dia”, em que os indivíduos interagem, agem e definem as ações humanas. Podemos compreendê-la como uma “realidade interpretada pelos homens, subjetivamente dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente” (Schutz, 2012, p. 35). Dessa forma, a realidade se constitui de acordo como apreendemos o mundo e com a apreensão dos sentidos subjetivamente construídos nas experiências vividas. Assim, essa compreensão dos fenômenos sociais ocorre por meio do significado que os atores sociais atribuem às suas ações no decorrer do cotidiano (Martins, 1984).

É nas ruas, nos bairros, nas cidades — heterogêneos e dinâmicos em sua apreensão imaginária e relacional — que, apesar das transformações culturais e da modernização, ainda se mantêm relações que sedimentam tradições e se alimentam de vínculos primários, como os de vizinhança, nos quais a confiança consolida uma forma sempre renovada de solidariedade e afeto entre os moradores.

O cotidiano, nesse sentido, nos oferece segurança: ele é estável, mas não imune a mudanças. O que sentimos quando o cotidiano, de repente, se transforma é insegurança. A rotina que nos prende ao invisível do dia a dia torna-se visível quando percebemos que somos, de certa forma, reféns dela.

Como dito anteriormente, Simmel (2006) compreende o processo das relações sociais como formas de sociação, ou seja, tudo o que existe na interação entre indivíduos movida por interesses, impulsos, condicionamentos psíquicos e preferências individuais, que estimulam efeitos recíprocos e interdependentes. A fofoca, por exemplo, é um tipo de sociação que leva os indivíduos a estabelecerem combinados sobre o que, de quem e como se fala, dentro do ambiente do bairro ou de uma rua, fazendo com que os moradores interajam seguindo certas regras. Desse modo, é o interesse que move o sentido da interação.

Podemos dizer, então, que a representação da vida social é vista como um conjunto de significados, por meio dos quais os indivíduos atribuem sentido e reproduzem seus signos, seus modos e estilos de vida, sua posição de classe, suas hierarquias e suas redes de solidariedade, entre outros aspectos, ambientando diversos espaços de convívio ou pertencimento. Os laços que esses atores sociais utilizam — em suas formas e conteúdos — compõem a constituição e o desenvolvimento do mundo da vida.

Esse mundo, como mencionado, é um mundo compartilhado, vivenciado por mim e pelos outros. É o mundo da relação Nós-Eu (Elias, 1994), das nossas experiências na esfera mundana (*alter ego*). Nesse sentido, o mundo da vida cotidiana deve ser considerado como um mundo intersubjetivo (Schutz, 2012, p. 84), comum a todos nós. E, se direcionamos nossas ações a esse mundo, elas nos modificam assim como são modificadas por ele, como aponta Schutz:

O mundo é tomado como evidente por mim é também tomado como evidente por você, meu semelhante, e mais do que isso, que é tomado como evidente por “nós”, mas esse “nós” não inclui somente eu e você, mas todos aqueles que pertencem ao “nós”, ou seja, a todos aqueles que possuem um sistema de relevâncias(suficientemente) semelhante ao meu e ao seu. (2012, p.201)

É dessa forma que Schutz fala que nós encontramos nossas *consciências* nesse mundo e para onde a direcionamos. Esse mundo é o da vida cotidiana. É no mundo ordinário, que o cenário da apreensão das nossas experiências, são guiadas, onde podemos desempenhar diferentes papéis sociais na medida em que nós experenciamos, pertencemos, compartilhamos esse mundo. Goffman (1985), trata a vida social como um teatro, onde estamos na maioria das vezes, representando papéis e acionando *fachadas*. Para ele, esse mundo tem a possibilidade da plasticidade, do orientar-se mediante o tempo, já que o “EU” é ator de si mesmo no palco da vida cotidiana.

Aqui o minguamento do mundo até a sua “essência” é apreendido socialmente, testado “ao longo do tempo”, somando esferas de costumes, tradições, e uma herança social que é transmitida, algumas enraizadas na condição humana (Schutz, 2012, p. 91). É nada mais do que perceber como esse mundo funciona, com base no que o indivíduo percebe dele, nas suas miudezas, chegando na esfera da subjetividade individual, bem como na compreensão que eu tenho de mim e do outro.

Portanto, a natureza dos fenômenos sociais, os códigos compartilhados, que nos permite que tenhamos contato com outros (interacionismo-simbólico), partindo do

indivíduo para compreender os aspectos microsociais da sociedade, até mesmo da própria individualidade a saber, o que os sujeitos pensam sobre suas próprias relações. Parte-se, desse modo, da ideia da consciência de que o sujeito pensa do mundo e de si (do comportamento individual para o coletivo) e tendo como pressuposto que o interacionismo-simbólico trata, enquanto uma filosofia da vida. Dessa forma as relações sociais são caracterizadas pela relação entre o indivíduo e o mundo da vida em que são formadas por processos intersubjetivos onde são construídos tanto pelo compartilhamento entre os sujeitos quanto pelas experiências humanas.

O envelhecer na cidade enquanto forma de pertencimento

O processo de envelhecimento nas cidades contemporâneas apresenta-se como uma experiência complexa, que transcende a dimensão biológica para se afirmar como uma forma singular de construção do pertencimento. Partimos do entendimento de que o pertencimento, enquanto apego subjetivo ao lugar (Koury, 2016), é dinâmico e continuamente reelaborado ao longo da vida. Na velhice, a relação com o espaço urbano transforma-se, permitindo-nos observar como os idosos interpretam e dotam de sentido o seu cotidiano, configurando um “mundo da vida” específico (Schutz, 2012).

Durante a coleta de dados para a pesquisa, os idosos eram aqueles que mais dialogavam, uns mais comunicativos que outros, não havendo tanto empecilho para que comessem a dissertar sobre suas vidas no bairro. Assim, me veio a questão do envelhecimento no bairro, e na cidade enquanto forma de pertencimento. Como é envelhecer no São José? Nas sociedades tidas como industrializadas, por exemplo, o Estado protege o idoso como qualquer outro cidadão da violência física,³ mas ao mesmo tempo, as pessoas quando envelhecem ficam cada vez mais isoladas da sociedade e, portanto, do círculo de familiares e dos mais próximos.

Neste contexto, a cidade deixa de ser um mero palco de adaptações funcionais e revela-se como um território emocionalmente significativo. A perspectiva de Simmel (2006) sobre as “sociedades” metropolitanas ajuda-nos a compreender como as interações urbanas desde um cumprimento rotineiro até a confiança depositada em um vizinho são formas de sociabilidade que estruturam a existência. Para o idoso, essas microsociedades cotidianas ganham um peso afetivo ampliado, constituindo redes de solidariedade que mitigam a solidão e ancoram a identidade, criando laços de confiança e amabilidade entre eles atrelado as relações de compadrio.

Mesmo com o alto grau de individualização, a maioria das pessoas em nossa sociedade forma, antes da aposentadoria, laços afetivos não só com a família, mas com um círculo maior ou menor de conhecidos. Na sociedade ocidental, envelhecer marca a redução progressiva ao corpo ou, como diz Le Breton (2016) uma espécie de escravização a uma dualidade que opõe o sujeito ao seu corpo e o torna dependente deste último. A velhice também marca de forma desigual no juízo social a mulher e o homem. A mulher perde socialmente a construção de uma sedução juvenil e o homem ganha experiência por ter como valor sua energia e força vital, pois nele se valoriza a experiência e a “maturidade”.

No que diz respeito tanto ao bairro São José, quanto à Rua Coronel Gervásio, onde a maioria das observações foram feitas, parte dos seus moradores são idosos e idosas. Ou seja, o bairro e a rua envelhecem junto dos seus moradores, sendo o primeiro conhecido como o “bairro dos véi”, uma identidade que remete à sua própria historiografia. Alguns vivem sozinhos ou com netos e netas, restando aos filhos apenas visitas rápidas de finais de

³ O art. 9 do estatuto do idoso assegura que é obrigação do estado garantir à pessoa idosa a proteção a vida e da saúde mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

semana, ou datas comemorativas como Dia das Mães ou Dia dos Pais, aniversários e feriados. É comum ver carros nas portas das residências nestas ocasiões, e logo após, o vazio retorna às ruas e calçadas.

O vazio é algo simbólico para os idosos, principalmente na rua Coronel Gervásio, conhecida por ser a “a rua morta” do bairro São José. Adjativos como “morta”, “parada”, “não passa uma alma viva”, “rua do assalto”, “quieta”, “solitária”, dentre outros, estão intimamente relacionados a uma mudança característica na cidade, que tem lugar quando as pessoas envelhecem ou estão perto da morte, pois quando envelhecem estão mais dependentes dos outros e menos fortes que os jovens. Então, a forma como as pessoas dão conta, quando envelhecem, de sua maior dependência dos outros, da diminuição da sua força, varia de pessoa para pessoa, pois depende de todo o curso de suas vidas e, portanto, da estrutura de sua personalidade.

É interessante ressaltar que de certas coisas que os velhos fazem, em especial, as coisas estranhas, podem estar relacionadas ao receio, ou até mesmo medo, de perder a força e a independência, de perder o controle de si mesmo (Elias, 2001), daí a teimosia. Bosi (1994) nos lembra de que aos velhos devem-se poupar os seus conselhos, e designá-los um papel passivo da sua existência, privá-los da sua liberdade de escolha. O dar conselhos torna-se uma opção antiquada (Oliveira, 2011), pois, a sabedoria atribuída ao idoso está em extinção. Assim, o envelhecimento é geralmente acompanhado pelo esgarçamento desses laços que ultrapassam o círculo familiar mais estreito fazendo com que represente, portanto, um sentimento (Le Bretton, 2013).

Tomando como base esses pressupostos, observamos que o idoso está intimamente ligado na relação que é estabelecida entre os atores sociais do bairro São José. Hoje, em um menor número, os idosos estão constantemente ocupando os espaços de maior visibilidade, sejam nas portas de suas casas, nas igrejas, nos mercados centrais, ou andando de casa em casa em busca de “ter o que fazer” ou de “alguém para conversar”.

E qual relação é estabelecida entre eles e o bairro? Estão ligados em sintonia com as memórias, lembranças, com a vida, com a história presente, sem suas memórias e recordações, com suas casas e espaços construídos e vividos. Algumas características sobressaem mais do que outras, como por exemplo, “casa própria”, “morar perto de algum parente”, “perto de tudo”, ou até mesmo as recordações que latejam sobre o que um dia o bairro foi, como por exemplo, o significado do seu nome. Pois, mesmo com as mudanças na arquitetura do bairro devido às transformações quotidianas da própria cidade, o bairro ainda é visto pelo que um dia foi, características que reforçam o sentimento de pertença entre os moradores, tanto pelo nome “tucuns” como por sua formação histórica como nos conta um antigo morador

O bairro era muito movimentado, principalmente aqui pra baixo, pois as embarcações motorizadas faziam o transporte de passageiros e cargas entre Parnaíba e povoados e as cidades do Maranhão e Ceará no sentido rio acima. As ruas eram todas de areia. Mas durante a década de 70 começou a aparecer problemas que não tínhamos mesmo sendo famílias simples e humildes, mas era um povo que procurava viver da melhor maneira. Como sempre teve muitos bares no bairro, alguns cabarés. Com o tempo que isso foi acabando, as drogas começaram a entrar, que já existia, mas era pouca. Tinha as brigas de bairro, mas o bairro era seguro. Na minha época, não existia isso que começou na década de 70 e ta aí até hoje. O São José não é mais o Tucuns que eu conheci. Os maconheiros nas esquinas e na beira do Igaracu, é só o que tem hoje pra se ver” (Francisco, contador, 57 anos, casado)

Os espaços aqui observados, também interagem em um tempo histórico e presente na memória, delineando a condição para se falar sobre: “o outro lado do centro de Parnaíba”

e que implica, de algum modo, com as classes estigmatizadas e marginalizadas entre o século XIX e XX, mas que ainda persiste em nossa contemporaneidade. Na fala do Sr. Francisco, nota-se o sentimento de saudade em relação ao bairro de antigamente. Para ele, o “São José” é diferente do “Tucuns”, pois foi perdido *ethos*⁴ do bairro, assim, não era mais o povo que, mesmo pobre e humilde, “procurava viver da melhor maneira”, mas agora os “maconheiros” que começam a tomar conta do bairro e “desmoralizar” aquele ambiente do trabalhador dito honesto, que labutava cotidianamente no antigo bairro dos Tucuns.

É, portanto, no entrelaçamento entre a memória afetiva, as interações sociais do cotidiano e a legibilidade do espaço urbano que o pertencimento do idoso se edifica. E podemos perceber como o envelhecer na cidade se constitui em uma forma ativa de (re)produzir o pertencimento, demonstrando que a velhice, longe de representar um afastamento do mundo social, pode ser um período de profunda reinscrição afetiva no tecido urbano.

Considerações finais

Discutimos aqui o que constitui o bairro São José, outrora denominado Tucuns, como um espaço de efetivação de relações sociais e de produção de sentido no mundo social. Essa análise perpassa tanto a sua historiografia quanto o sentimento de pertencimento vinculado às práticas dos atores sociais que conformam o ambiente local – dos idosos, com seu pertencimento saudosista, aos que criam novos espaços de produção artística e cultural, como o espaço GUETTO. Nesse contexto, o envelhecimento emergiu como uma categoria fundamental para a compreensão do cotidiano moderno e de suas manifestações na configuração atual do bairro.

De acordo com Le Breton (2013), o envelhecimento é socialmente intolerável. Nossa sociedade associa a velhice ao corpo deteriorado, ao indesejável, configurando uma forma de rejeição social, mais ou menos branda, que distingue a pessoa idosa, situando-a à margem da sociabilidade ordinária. A marca no corpo do idoso serve como um lembrete da precariedade e da fragilidade da condição humana. Vivemos em uma sociedade que cultua a juventude e que, talvez, tenha perdido a dimensão simbólica tanto do envelhecer quanto do morrer. Nesse sentido, o envelhecimento se apresenta como um processo que produz modificações graduais em diversos sistemas orgânicos, à medida que o tempo – que já não é mais o de outrora – avança

Mas o que significa, de fato, envelhecer? Etimologicamente, envelhecer significa tornar-se velho; por sua vez, velho remete ao antigo, ao gasto pelo uso, ao obsoleto. De modo geral, o envelhecimento está associado àquilo que um dia foi novo e passou pelo processo de desgaste temporal, assim como a própria historiografia do bairro São José nos remete. Para além da definição lexical, contudo, o envelhecimento carrega uma pluralidade de significados. De acordo com as especificidades culturais – do Ocidente ao Oriente –, os sujeitos sociais atribuem sentidos diversos às representações do envelhecer. É essa perspectiva que nos interessa: o envelhecimento para além do tornar-se idoso, enquanto categoria repleta de subjetividades.

É possível observar que o sentido do envelhecimento também se inscreve nas ruas e nas casas, abandonadas ou não, bem como no imaginário dos moradores de um bairro percebido como “antiquado”, “sem novidades”, “velho” ou “precário” – adjetivos que povoam seu universo simbólico.

⁴ De acordo com o dicionário de Sociologia de Boudon (1990, p.99) o *ethos* é uma ordem normativa interiorizada, um conjunto de princípios mais ou menos sistematizados que regulam a conduta da vida. O *ethos* é um conceito abstrato que correspondem indicadores empíricos nas esferas econômica, religiosa, moral, etc.

O envelhecer na cidade pode ser interpretado como um processo contínuo de gestão emocional, no qual o idoso negocia publicamente sentimentos como medo (da violência, do isolamento), confiança (nos vizinhos, nos comerciantes), nostalgia (pelos lugares que mudaram) e orgulho (pela história compartilhada). O espaço urbano deixa de ser um mero cenário e transforma-se em um ator que demanda, estimula e regula essas emoções.

O bairro é lembrado pelo que já foi, assim como marca a própria cidade. Os idosos interagem constantemente com o passado – como lembra Drummond (1986), “Todos nasceram velhos – desconfio, em casas mais velhas que a velhice, em ruas que existiram sempre”. Eles dialogam com as memórias, as lembranças, com a vida e com a história presente. Sem suas memórias e narrativas, não seria possível construir este trabalho; sem suas histórias de vida e seus apegos emocionais ao passado e ao presente, não se poderia captar a pulsação do que um dia foi o bairro, a cidade, a rua.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Poemas*. Boitempo II. São Paulo: Record, 1986.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: a arte do fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço Urbano*. 3ª edição, Editora Ática S.A. São Paulo, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira et al. São Paulo: Editora 34, 1995.
- ELIAS, NORBERT. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- _____. *O processo civilizacional. Capítulo I – Da sociogênese dos conceitos de “civilização e “cultura”* (p.59-75); publicações Dom Quixote, volume 1, Portugal, 1989.
- FERREIRA, Ivanilda Sá. *Meu bairro é meu Patrimônio: educação patrimonial no conjunto histórico e paisagístico de Parnaíba-PI*. Dissertação de mestrado, UFDPAR, Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Parnaíba, 2019.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Quebra de Confiança e conflito entre iguais: Cultura emotiva e moralidade em um bairro popular*. Coleção Cadernos do GREM, Recife Ed. Bagaço, 2016.
- LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, 3ª ed., Editora Vozes, 2013.
- _____. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2018.
- MENEGUELLO, Cristina. *História oral: como fazer, como usar*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify; 1974.
- MARTINS, José de Souza. *Uma sociologia da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas Compartilhadas: Cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

PASSOS, Caio. *Cada rua sua história*. Associação Parnaibana de Letras, Parnaíba – PI. 1982.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

_____. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Ática, 1983.

SHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. WAGNER, Helmut R. (Org.). Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

ZANCHI, M.T. ZUGNO, P.L. *Envelhecimento humano*. In: _____. *Sociologia da Saúde*. 3. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2012.